

ANN 1

ASSIGNATURAS

Por mez: 500 rs.
Capital: Pelo correio: 600 rs.
Numero avulso 300 rs.

Capital, 15 de novembro de 1900

Autographos e correos
pendencia:
EGYDIO NOCETTI
RUA TRAJANO N. 12

NUMERO 5

PAZ E LIBERDADE

A paz é a garantia do progresso das nações e do bem estar das famílias, e é sob o abrigo da paz que as nações prosperam.

As guerras e as depredações da antiga Roma, são um exemplo sem igual, em que os horrores de Sylla e Caligula, contrastam com a generosidade de Augusto e de Marco Aurelio.

Saudando Jesus aos seus apóstolos, quando resuscitou, desejou-lhes a paz; pelo que se depreheende como verdade axiomática, que a paz está acima de todos os bens.

A paz e a liberdade são inseparáveis, e uma vez uma alterada, a outra corrompe-se, porque a paz contém a liberdade nos seus limites e, esta por ser tão susceptível não pode existir sem aquella.

A liberdade é o complemento da paz; porem ella deve ser bem interpretada e que a exemplo de um vaso sagrado que mãos incompetentes não o podem tocar sem risco de quebral-o, e para quem a comprehende, é a maior prerogativa que o homem póde gozar, e que a Bondade Divina concedendo o livre arbitrio á creatura, não o limitou:—soamente ensinou-lhe o caminho recto do dever, e feliz é o que não se desvia.

A paz representando o regulador que estabelece o movimento uniforme dos Estados, a liberdade completa-o alargando os horisantes do progresso intellectual e material; e feliz do governante que rege um povo laborioso, moderado e de natural tendencia para o bem.

A paz e a liberdade permanentes, modificação os costumes dos povos e reproduzindo-se na descendencia, produzem a harmonia habitual que compensa os labores do trabalho.

O G. D. P. B. *Primeiro de Setembro*, está ensaiando o magnifico drama em 4 actos, *Os Minuetos da Desgraça*.

OS IMPOSTOS

Sem que sejamos movido pelo menor interesse partidario, com intuito de censurar a qualquer das aggremações politicas que se tem reservado no poder, tanto na Republica como no imperio, seja-nos permittido tratar, «á priori», de assumpto que, se por um lado interessa muito de perto á classe operaria, por outro lado synthetisa o direito de igualdade em relação aos tributos, isto é ao pagamento dos impostos.

Hoje, na velha Europa e em muitas nações da propria America, os tributos são directos, em geral lançados na proporcionalidade do valor dos bens de fortuna de cada um, em satisfação ás exigencias sociaes, quasi sempre partidas do operariado. Entre nós, porém, desde a existencia da nossa Nacionalidade, succede exactamente o contrario.

Os tributos, quer da União, quer do Estado, quer dos Municipios, são, na maior parte, indirectos, recahindo menos sobre o capital do que sobre o trabalho.

Deste modo, o operario e o capitalista pagam, na maior parte dos casos, não pelo que possuem, mas pelo que consomem, sem a menor equidade, sem a mais leve relatividade.

As nossas assembléas legislativas, em geral compostas dos que não experimentam as vicissitudes do proletario e ainda menos a miseria dos pobres, proseguiram sempre na mesma rotina; nem na Republica se propuzeram á patriotica tarefa de reformar os orçamentos, pon-do-os em harmonia com o novo regimen.

As materias que ha meio seculo eram tributadas são ainda, por assim dizer, as mesmas que soffrem o tributo.

Esse systema de constituir receita, precisa cessar; os orçamentos devem ser, nessa parte, confeccionados de modo que

sejam tributados os que tem bens de fortuna, recahindo os tributos sobre estes na proporcionalidade do seu valor nominal.

A produção agricola e industrial precisa e deve ser isenta de tributos; e, se isso não é possível, que os pague tão somente ás municipalidades, resumidamente, n'uma taxa diminuta.

São estas as normas seguidas em todos os paizes onde a industria é nascente e a lavoura cercada de mil difficuldades, como acontece em nosso Estado, onde muitas vezes o trabalho escasseia devido a crises anormaes, felizmente transitórias.

O Estado em nossa humilde opinião, deve ter, como rendas privativas delle, o tributo sobre o capital, o do sello, o da venda de terras, o das profissões, o das bebidas alcoolicas, o da transmissão de propriedade, o das heranças e legados, embora alterados por taxa mais elevada; abolido, porém, o da exportação.

Os municipios podem manter-se muito regularmente com os tributos de decimas, de vehiculos, licenças para continuação de abertura de casas de negocios, para construção e reconstrução de edificios, buscas, multas, rendas de seus mercados, gado abatido para consumo, emolumentos, etc; prohibidos porém de lançarem tributos sobre aquellas materias taxadas pelo Estado.

E se as municipalidades não conseguirem com esses tributos uma receita avultada, indispensavel para se constituirem instituições apparatusas, cercadas de funcionalismo avultado e inutil, ellas que se constituam de accordo com as normas do regimen democratico, synthetizando a sua verdadeira expressão, em harmonia com os seus recursos.

E' isto que se deve fazer.

Estando proxima a eleição de

deputados ao congresso legislativo estadual, ao eleitorado compete escolher cidadãos que se proponham realizar estas e outras reformas para engrandecimento do Estado.

Mais um melhoramento vai ser instituido na beneficente Liga Operaria, a organização da sua musica, cujo instrumental, brevemente chegará da Europa.

Graças aos esforços dos que comprehendem que a educação deve ser variada, e que dentro em pouco, teremos todos os elementos necessarios para a completar.

E' provavel que o ensaiador e regente, seja o nosso prestimoso consocio, João Augusto Penedo, e como o assumpto nos proporcionou ensejo, diremos algumas palavras com referencia a este catharinense.

—João Augusto Penedo não é, entre nós, um nome desconhecido; Penedo estava talhado para ser uma das glorias catharinenses, se a sorte não lhe tivesse sido adversa, assim como os seus companheiros de arte, Manoel de Miranda e o mallogrado Francisco dos Santos Barbosa, que o «Correio da Europa» reconhecendo o seu merito profissional, honrou-o, estampando o seu retrato nas suas columnas.

As composições de Penedo, attestão o seu talento artistico, e a sua boa vontade ainda vencerá os obstaculos que se lhe antepõe á sua carreira, e mais uma vez irá manifestal-a em prol dos seus consocios.

POESIA

A Semiramis

Admira o teu talento,
es em igual entre patricias,
em teus versos ha delicias,
s'ram vigor, sentimento,
indicam-te o ornamento
real da Brasileira Musa;
ssim, ninguem te recusa
erecidos, são louvores,
nda que, sem teus primores,
ó tenha oração diffusa.

GUSTAVO AVELLAR.

DO ENSINO POPULAR

CAPITULO II

SUMMARIO: Com uma fabula de Florian e com um trecho de Garrett demonstra-se que a ficção instrue melhor que a verdade; adduzem-se exemplos fornecidos pela historia.

Para refutar a objecção de Garrett:—que não acha senso comum em suppôr que a ficção instrua melhor que a verdade—, vou-me servir da traducção de uma fabula de Florian. Eil-a:

A FABULA E A VERDADE

Um dia, surgiu do poço
A Verdade toda nua;
Um pouco do tempo gastos
O encanto e a beldade sua.

Velhos e moços lhe fogem,
E fica a pobre gelada,
Sem encontrar um asylo.
Onde seja agasalhada!

Eis que presenta-se a Fabula
Plumas trazendo e diamantes;
A maior parte fingidos,
Mas vivamente brilhantes!

«Oh! és tu? Muito bom dia;
Que estás fazendo isolada?»
Então, responde-lhe aquella:
«Estou, como vês, nevada!»

Em balde aos passantes peço,
Por caridade, um abrigo;
Todos fogem! Mulher velha...
Ah! não tem mais peito amigo!

—«E és minha mana, comtudo!
Não falo desvanecida,
Mas de todos (torna a Fabula)
Sou muito bem recebida.

«Mas, também, mana Verdade,
Porque não buscas um fato?
Pois isso bem não te fica!
Eia! façamos um trato.

«Um mesmo interesse, ó mana,
Que nos una estreitamente;
Fica tu sob esta capa,
Andaremos juntamente.

«Por causa de ti, do sabio
Não hei de ser desprezada;
Por causa de mim, dos loucos
Não has de ser maltratada!

«Dest'arte, do mundo inteiro
Teremos aceitação,
Graças á minha loucura,
Graças á tua razão.»

E' bem transparente a moralidade desta fabula.

Através desta ficção vê-se um principio de grande alcance:—que não se pôde apresentar a verdade nua; é preciso vestil-a e enfeitá-la.

A sciencia sem a arte fica prejudicada; a linguagem nada é sem os atavios da rhetorica: tirem-lhe as figuras, os tropos, as imagens, os bosquejos, em summa, todos

os adornos e encantos do estylo; que a linguagem se tornará uma cousa insupportavel!

O fabulista, pois, realiza um preceito pedagogico que diz:—Todo ensino deve ser attrahente.

Ora, si o preceptor deseja que os seus alumnos acceitem a verdade por elle ensinada, é certo que si a não vestir e ataviar convenientemente, por mais pujante que seja a sua logica, nunca chegará a persuadir aos seus alumnos!

Logo, a ficção instrue melhor que a verdade; logo, o fabulista não deve ser vituperado, quer se dirija ás crianças, quer se dirija ás massas; porque é sabido que assim as crianças como os adultos ignorantes têm mais imaginação do que as pessoas illustradas.

Assim, a theoria de Garrett tam sómente seria praticavel em outro mundo, que não neste; porquanto a sociedade não é composta de philosophos!

Agora, vou-me socorrer á propria autoridade de Garrett.

Diz elle: «Deixar fallar modernos e modernices, petimetres e neologistas de toda especie: o homem que se destina, ou que o destinou seu nascimento, a uma vocação publica, não pôde sem vergonha ignorar as bellas lettras e os classicos. Saiba elle mais mathematica do que Laplace, mais chimica do que Lavoisier, mais botanica do que Jussieu, mais zoologia do que Lineu e Buffon, mais economia-politica do que Smith e Say, mais philosophia de legislação do que Montesquieu e Bentham; se elle não fôr o que os Ingleses chamam a *good scholar*, triste figura ha de fazer fallando, ou seja na barra, na tribuna, no pulpito—tristissima escrevendo, seja qual fôr a materia, porque não ha assumpto em que as graças do stylo e a correcção da phrase e belleza da dicção não sejam necessarias e indispensaveis. Ponham-me Demosthenes, Cicero e Canning também,—com seus grandes talentos, fortes de chimicas e economias-politicas, e com todos os codigos de suas respectivas nações na cabeça, mas desprovidas de suas riquezas litterarias, do irresistivel fetico de sua linguagem classica—ponham-m'os no Areopago de athenas, no Senado de Roma, e na camara de Londres, e veremos se são os mesmos homens, os mesmos estadistas, os mesmos oradores omnipotentes diante de quem tremem os Philippos, os Catilinas, e as Sanctas alianças. Escreva alguem com dobrada erudição e ingenho o *Esphirito das Leis*, mas sem os incantos do stylo classico de Montesquieu, e veja quantos lh'o lêm.»

(Garrett, Da Educação.)

Garrett tem toda a razão.

Ninguem pôde contestar o prestigio dos tropos, das imagens e das figuras.

Diz Sulzer: «O termo proprio não se requer para a clareza, senão quando se trata de idéas simples.

Mas quando ellas são complexas, e o pensamento tem certa extensão, a expressão methaphorica e pittoresca contribue infinitamente para a clareza. Ella nos poupa uma explicação miuda, que pela sua prolixidade faria o discurso menos claro. Então, só uma imagem é que nos pôde exprimir distinctamente muitas cousas do mesmo tempo. E' uma regra pois talvez sem excepção, que todo o pensamento que contém muitas idéas parciais, deve ser exprimido por alguma imagem bem escolhida.»

(Sulzer, Theor. Geral das Artes)

As figuras são sempre uteis, e ás vezes necessarias: uteis para a economia do tempo e da energia do ouvinte ou leitor, occasionando a brevidade, como a ellipse; concorrendo para dar mais força ao pensamento, como o pleonismo; cooperando para a suavidade e harmonia, como o hyperbaton.

A ellipse é necessaria, já em campanha, já em um navio quando é imminente o perigo.

«Preparar! Apontar! Fogo!»—bradava o commandante, no momento do combate.

«A bomba!»—grita o commandante de um paquete.

Si o commandante de um batalhão se expressasse sem figura, ai delle, ai dos commandados!

Si o commandante de um vapor prescindisse da ellipse, no momento do perigo, ai del e, ai da tripulação, ai dos passageiros!

Nesta situação, a ellipse é aconselhada pela prudencia, pela philanthropia, pela caridade!

De entre as figuras de rhetorica servem umas para deleitar, outras para mover, outras para persuadir.

As que servem para deleitar, são, também, meios pedagogicos; porque prendem a attenção do alumno e facilitam a comprehensão.

Todas ellas são de grande utilidade, quer na tribuna forense, quer na parlamentar, quer na sagrada.

Si Marco Tullio dissesse a Catalina:—Ha muito tempo que abusas da nossa paciencia—não causaria a mesma sensação que produziram estas palavras: «Até quando emfim abusarás, ó Catilina, da nossa paciencia?»

E' de summa importancia, em qualquer peça litteraria, o emprego judicioso dos tropos, das figuras, das imagens, dos bosquejos, em summa, de todos os adornos e encantos do estylo.

Si Virgilio, em vez das *Georgi-*

cas, tivesse escripto em prosa chá um tratado de agricultura, não teria tido, de certo, um grande numero de leitores.

Bem poucos teriam lido a *Arte Poetica* de Horacio, si este a tivesse escripto em prosa desataviada.

Quantos leitores teria o padre Manoel Bernardes si, em vez da *Nova Floresta*, tivesse escripto uma enfiada de maximas, sem os atavios da rhetorica?

Quantos leitores teria Fénelon si tivesse escripto um tratado da educação do principe, em vez de *As Aventuras de Telemaco*?

Si em vez da *Recreação Philosophica*, o padre Theodoro de Almeida tivesse escripto um tratado arido, de certo não teria tido muitos leitores.

Si, em vez de *Os Miseraveis*, Victor Hugo tivesse escripto uma these arida sobre a penitenciaria, effectivamente muy poucos a teriam lido.

Julio Verne não seria um escriptor popular si não se tivesse aproveitado do romance para divulgar conhecimentos de geographia, historia, sciencias naturaes, etc.

Finalmente, Esopo, Phedro, Lafontaine, Florian e La Fontaine não teriam tantos leitores si não tivessem usado da ficção.

Vê-se, pois, que todos estes escriptores adquiriram popularidade em consequencia das graças do estylo.

Ora, usar das graças do estylo é saber fazer uso dos tropos, das figuras, das imagens, etc.

E fazer uso dos tropos não seria socorrer-se á ficção?

Já vimos que a fabula é uma narração allegorica.

E que é allegoria senão uma serie de methaphoras?

E que é metaphora senão uma semelhança abreviada?

Dizer—Maria é uma cobra—é o mesmo que dizer—Maria é uma mulher tam má como a cobra é peçonhenta.

Dizer—o Lobo e o Cordeiro—equivale a dizer—O senhor voraz como o lobo e o escravo manso como o cordeiro.

Fica, portanto, demonstrado que a ficção instrue melhor que a verdade e que tanto existe ficção na fabula como em qualquer outra peça de litteratura amena.

ALOYSIO PAULICEU

PASSAMENTOS

Este penultimo mez do anno e do seculo tem sido de tristeza para a nossa *Liga*; nos dias 3, 6 e 7, falleceram nossos inditosos consocios Alexandrino de Souza Lopes, Mathias Gusttenhoffen e Anastacio Moreira da Silva.

A's suas respectivas familias enviámos sinceros pezames.

AS NOSSAS SERRAS

Alguns escriptores notaveis asseguram que os montes mais elevados do Estado não excedem de 800 metros de altitude sobre o nivel do mar; mas esses mesmos cidadãos que affirmam tal cousa, nunca por aqui estiveram; escrevem por informações recebidas de quem talvez nunca tenha sahido da capital afim de, embrenhando-se por essas mattas virgens que cobrem a superficie de nossas terras, com um bom aneroide na mão, subir as ingremes ladeiras de nossas serras e galgar os seus pincaros para avaliar-lhes a grandeza.

Não seria preciso, para desmentir tal asserção, fazer uma digressão pelas encostas e pincaros escavados da serra geral; bastaria citar os dous morros mais altos que mesmo d'aqui da capital são vistos.

Refiro-me ao Taboleiro e ao Cambirella.

O primeiro, segundo o engenheiro Collet mede 1270 metros sobre o nivel do mar, estando afastado da costa aproximadamente quatro leguas.

Quanto ao segundo, que apresenta a forma de um cone gigantesco, mede, segundo o engenheiro Collet, 950^m, vindo banhar a sua base granitica nas aguas da formosa bahia do sul.

Por informações falsas muita gente tem escripto. Assim é que o conhecido geographo Elisee Reclus dá Nova Trento como porto de mar. Não admira, porém, que Reclus tenha assim errado, mas causa espanto o ter o traductor da sua obra, um brasileiro notavel, deixado passar semelhante erro.

O nosso fim, porém, escrevendo este artigo, é provar que os dous sabios que deram 800 metros para as nossas mais altas montanhas laboram n'um grande erro e por isso tratemos do assumpto: a serra do Oratorio tem 1200^m sobre o nivel do mar; Rio do Rasto com 1386^m; Imaruhy com 1200; S. Bento com 1100 e todas ellas no costão que vae desde a serra da Pedra até os confins de Santa Barbara, com um comprimento approximado de 14 leguas.

A não serem as ingremes subidas que tem o nome de estrada, subidas que são denominadas: Oratorio, Imaruhy, S. Bento, etc, a serra geral é um verdadeiro paredão de altura minima de 900^m. O campo começa nas cabeças da serra, campos accidentados, que ali chamam dobrados, possuindo verdadeiras montanhas.

A altura de 1386^m, que dei para a estrada do Rio do Rasto no ponto em que ella encontra o Campo, foi-me fornecida pelo Dr. Joaquim Dias da Cunha e obtida por elle com um aneroide.

Affirmo que temos pontos de

1600 metros sobre o nivel do mar e com certeza o Campo de Fôra está n'esta altitude, pois que ali nascem quasi todos os rios que correm para o Uruguay, na costa da serra.

Quando outra cousa não tivesse para corroborar a minha asserção, bastava-me citar o facto que se segue:

Quando nos invernos, não cahe neve em S. Joaquim, no Campo de Fôra sempre existe, as geadas são mais fortes e a agua das lagoas e dos arraiaes quando congeladas, tem quasi o duplo da espessura das do resto do municipio.

Desse ponto para o N. a serra vae se tornando mais suave, offerecendo mais subidas. Apesar disso a Boa Vista está a 900 metros. Penso que o que ali fica é o quanto basta para acabar com erro que existe sobre as nossas montanhas.

VON MARTINS.

POLO NORTE

Durante este seculo já se perderam 400 vidas, 500 mil contos e 200 navios em explorações infructiferas para descobrir-se o Polo do Norte.

A NOSSA MISSA

Realizou-se, na manhã de 31 do mez findo, a celebração da missa, que a «Liga Operaria Beneficente» fez rezar, na Igreja da Veneravel Ordem 3^a de S. Francisco da Penitencia, pelo eterno repouso das almas dos seus socios fallecidos.

Esse acto, já de si grandioso e imponente, foi notavelmente concorrido, e abrilhantado com a presença não só de muitas senhoras, como das principaes autoridades d'esta Capital, fazendo-se n'elle representar o Sr. Dr. Governador do Estado pelo seu ajudante de ordens, e tendo tambem participado outros altos funcionarios, irmandades religiosas, associações, muitos cavalheiros distinctos e, entre estes, os illustres representantes da imprensa local.

Muito contribuiu tambem para o esplendor do acto a apreciavel musica do Corpo de Segurança.

Cabe-nos, por tanto, o justo dever de agradecer profundamente a todos quantos concorreram para tão completo resultado, especialmente ao sr. commandante do predito Corpo de Segurança, pelo obsequioso concurso da referida musica, e ás associações nossas irmãs, que mais se salientaram em manifestar-nos a sua gentileza.

A bordo do paquete *Iris*, tomou passagem no dia 11 do andante, no desempenho da commissão que lhe confiou o Dr. procurador geral do Estado, o nosso illustre consocio e propecto advogado Dr. Henrique Valgas.

A LUZ DA RAMPA

A luz da rampa, sem ser a espiritual que emana de Deus para nosso amor e nosso bem, é a que nos liga pelos laços inquebrantaveis da boa educação civil e moral, objectivo que perdura no recesso da familia,—como esteio immutavel vivificante e rejuvenescedor do organismo sociologico.

Esta luz indelevel que se transpõe das rampas as plateas, envolvendo-as num atavio sumptuooso de arte e harmonia; luz de mystica fragancia que nos transpõe do bello ideal ao real preconceito da estima, penhor sagrado que ainda nos resta deste convenio social—esta luz, infelizmente está eclipsando-se!...

Não pode eclipsar-se, porque o bom senso requer o theatro.

O theatro é uma escola indispensavel está chafurdando-se em um tremendo paul.

Porque?!...

Para que esta descrença em nosos meio, que ha de nos ser tão prejudicial!

Ainda é tempo de agir.

A luz da rampa no proscenio, está sendo eclipsada pelo engodo das eclogas licenciozas, saturadas de satyras picantes, sosias, da poluta farpella brilhante de ouropeis, deixando transparecer a plasticidade com sua nudez concupiscente e deleteria, que só encanta e deslumbra os incautos e as mulheres fufias.

Não queremos isto.

O theatro, é o cadinho purificador do meio; cohabitante dos bons principios de economia material, fonte de todas as virtudes de ordem moral, em um amoravel amplexo com as regras do bom tom, em todo o seu requinte de civismo.

Portanto, não queremos o theatro onde se lança sem o menor escrupulo um beijo de fogo ao collo das virgens e uma mascara de lacre fervendo á frente das damas de alto conceito... Não!

Queremos o theatro, que o bom chefe de familia tenha plena consciencia de que os seus filhos, gosando de um bom divertimento, corrigem tambem suas maneiras á affeição do bom gosto, limando sua linguagem apart da etiqueta formal e correctea.

Queremos o theatro, que faça realçar a forma de uma maneira distincta, esta que impõe-se pelo correctissimo e respeitavel laço da gravata branca—e não o theatro que impudicamente golpea a probidade do chefe de familia tolerante e circumspecto.

O Operario então, do alto de suas columnas protesta sobranceiramente, pelo que vê de torpe offuscando a luz que illumina a senda do progresso, onde elle tripha altaneiro e illustre, pretendendo fundar junto á tenda do traba-

lho; o primeiro alicerce da egualdade em todos os seus designios, a bem da humanidade.

O Operario não appella para a justiça, porque esta modorra sempre no esteio de seu suborno, recorre então á boa consciencia do artista dramatico e do dramaturgo, para que em nome da honra da humanidade, restrinjam-se somente ás boas normas dos Talmas, dos Denerys, dos Caetanos e Furtados, que mais fizeram e fazem brilhar a luz da rampa.

Florianopolis.

NURO

AS MÃES

Romaria ao cemiterio no dia de finados.

Commocionadas—peregrinas christãs, caminham, lentamente, umas sobraçando velas e outras com as mãos repletas de corôas—lyrios e rosas, saudades, saudades muitas, e, por sobre a fidalga elegancia religiosa dessa opulencia de côres e perfumes, cálidas ramagens de cyprestes cahem sobre as madeixas, em doce desalinho, esparsas sobre os hombros das pudicas cruzadas!

Ha lucto em todos os corações, a dôr descobre-se em profusão em cada face e em cada face dolorosa lagrima scintilla!

Mulheres comprimindo o peito, tentam, em balde, calar os soluços que se irrompem feliz do sacrario magnifico e esplendido—o coração de mãe! Ellas, martyres divinas no soffrimento e na alegria, alli vão ter ao sopé de singelas cruces, orar, orando sempre!

E, oram pela materia que a terra envolve no seu plumbeo e regelado manto...

E, oraui derramando prantos que nunca mais se enxugarão—orvalho bemdicto acariciando os despojos dos venerandos seres!

Não profanemos a paz que preside á merencoria festa dos tumulos. Respeitemos os que soffrem e veneremos as lagrimas derramadas, e, prostrados, de joelhos, com os olhos fitos na cruz, como as pobres mães que soluçam, oremos pelo repouso desse sem numero de seres que os cécs povoam, adorados pelos anjos, e abençoados por Deus!

2 de Novembro de 1900.

L. N.

Falleceu em Portugal, no mez p. p., a exma. mãe do nosso consocio Manoel Luciano da Rocha, ao qual apresentamos os nossos pezames.

NOTAS HISTORICAS

1

INDEPENDENCIA DOS ESTADOS UNIDOS

O elevado deficit que pesava sobre a velha Albão, resultante da guerra dos *Sete Annos*, obrigou o parlamento inglez a lançar o imposto do sello sobre as suas colonias na America, ao que se oppuseram estas, pedindo ao seu governo a revogação de semelhante medida, que reputavam vexatoria e indevida.

O parlamento inglez accedeu, em parte, á vontade das colonias reclamantes, declarando entretanto manter o seu direito de votar-lhes impostos.

Este facto ainda mais exasperou o animo dos americanos, sendo o chá o primeiro genero tributado.

Devido a este tributo resultaram diversas sublevações em contrario. O governo britânico então recorreu á força para reprimir os sublevados.

Os negociantes da nascente cidade de Boston, tendo arrojado ao mar um carregamento de chá, procedente da Inglaterra, incitaram, d'este modo, a colera do governo britânico que não se demorou em acudir ao insulto, fazendo seguir tropas sobre os seus offensores.

A vista desta occurrencia reuniram-se os norte-americanos em congresso, em Philadelphia e resolveram constituir-se em corpo de exercito, comfiança o seu commando a Jorge Washington, importante lavrador.

Em Lexington as duas forças contendoras mediram as armas! Nesse duello famoso pela liberdade a nova Lacedemonia americana dignificou a sua bravura!

Os assediantez londrinos viram então, pasmos, varridos pela derrota, sanctificar-se nas palpitantes aguas do Atlantico e do Pacifico o estandarte emancipador que lhes oppunha a milicia da sublimada filha de Colombo.

Washington perpetuou essa grandeza politica a 14 de Julho de 1776.

A victoria d'este notavel estadista, divinizou a memoria dos seus companheiros, succumbidos em tão nobre peleja, e, penetrando na paz eterna dos tumulos que guardavam, zelosos, os seus heroicos despojos, como um derradeiro e saudoso adeus — espargia-lhes o osculo santo do seu inquebrantavel patriotismo.

L. N

CONFERENCIAS

Tem sido bastante concorridas as conferencias realizadas pelo illustre sacerdote, padre Manfredo Leite, que perante illustrado auditorio discorreu brilhantemente sobre a these.

VISITAS DE COLLEGAS

Temos tido o prazer de receber: A *Legalidade*, de S. Bento, folha escripta em portuguez e em allemão; O *Commercio*, da Capital do Paraná, propriedade da associação commercial d'ali; *Região Serana*, periodico que se publica em Lages; O *Governo*, periodico da Cachoeira, no Rio Grande do Sul, tendo por divisa—autonomia dos Estados e unidade da Patria;—O *Estudo*, apreciavel periodico literario e instructivo, que vê a luz na cidade de Curityba; *Campos Geraes*, semanario imparcial de Ponta Grossa, no Estado do Paraná; O *Arauto da Verdade*, periodico religioso, cuja publicação mensal, na Capital Federal, data de Julho do corrente anno.

Alem d'esses bons collegas, recebemos, de novo, O *Futuro*, A *Estrella* e O *Apostolo*.

A todos os distinctos coetaneos que ficam mencionados e que são outros tantos testemunhos do progresso da imprensa jornalística no Brazil, o humilde e modesto *Operario* agradece a gentileza.

CHEGADAS

De Santos, o nosso consocio João Marcolino Alves, aonde ffa a passeio.

—De Laguna, os cidadãos Dr. Polydoro Olavo de S. Thiago, redactor-chefe do *União*, e José de Senna Pereira, dignissimo e activo presidente do Gremio Instructivo e Beneficente dos Empregados no Commercio.

—De Camboriú, acompanhado de sua exma. esposa, nossa digna consocia, o cidadão Saturnino de Souza Medeiros, abastado negociante desta praça.

—Senador Hércilio Pedro da Luz e sua exma. familia da Capital Federal.

—Do visinho Estado do Rio Grande do Sul, acompanhado de sua digna irmã D. Anna Glavan, o nosso particular amigo José Glavan, que vem contrahir matrimonio com D. Corina Soares.

—De Lages, o nosso consocio João Garcia.

A todos sinceras saudações do *Operario*.

Está em festa o lar do laborioso operario nosso consocio Felipe Tonera, pelo nascimento de seu filhinho Domingos.

Parabens.

Regressaram do Rio de Janeiro, no paquete *Santos*, as exmas. sras. DD. Julia Garcia e Auta Garcia, esposa e filha do cidadão Antonio Rodrigues Garcia.

Tendo D. Julia ido procurar alivio á incommodos em uma vista, embora não esteja de todo restabelecida, contudo acha-se melhor.

Felicitemos a sua exma. familia.

COINCIDENCIAS

O BRIGADEIRO PADILHA E O N. 7

O illustre general Antonio Fernandes Padilha nasceu, em Pernambuco, em mil setecentos noventa e sete.

Sentou praça em Setembro de mil oitocentos e dezesete.

Foi promovido a capitão em mil oitocentos e vinte sete.

Marchou a primeira vez para o Sul, não volvendo mais á sua terra, em mil oitocentos trinta e sete.

Veio para esta ex-provincia, onde falleceu, quando contava trinta e sete annos de praça.

Deixou o commando do forte de Sant'Anna em mil oitocentos cincoenta e sete.

Servio no exercito quarenta e sete annos.

Falleceu no dia sete de Julho (setimo mez do anno) na casa de sua residencia, á rua [Sete de Setembro n. sete, com cerca de setenta annos de idade, tendo exercido sete postos no exercito.

Foram ainda sete pessoas de sua familia que, pela imprensa convidaram aos seus amigos, camaradas e patricios, n'esta ex-provincia, para assistirem á missa do setimo dia.

Um amigo intimo e biographo do benemerito brasileiro garante nos a verdade historica do que fica declarado.

Durante os mezes de agosto, setembro e outubro, 3º trimestre do corrente anno social da Liga Operaria foram pagos pelo respectivo Thesoureiro as quantias seguintes:

Pensões a viúvas de socios e a socios invalidos	990\$000
Diarias a socios enfermos	720\$000
Aluguel da casa onde funciona a associação e ao zelador Expediente, annuncios, encadernação de livros da bibliotheca, luz etc, etc	306\$200
Funeral a 1 socio	58\$000
	2:290\$200

O balancete será publicado no proximo numero.

Anniversarios

Fez annos ante-hontem o nosso particular amigo e conceituado negociante d'esta praça, o sr. André Wendhausen; por tão faustoso acontecimento o *Operario* o felicita affectuosamente, desejando-lhe todas as felicidades.

—Faz annos amanhã o nosso consocio Enéas E. de Souza.

—Faz annos á 20 a Exma. Sra. D. Maria das Dores Woll, esposa do sr. Germano Woll.

Parabens.

HORAS VAGAS

LOGOGRIPOS

Ao Pollux do (Sul Americano)

Eu ja fui imperador 19, 31, 5, 23, 20, 4, 24

De antiquissima cidade 19, 2, 35, 21, 9, 24, 11, 34, 23, 8, 31

Que tinha o bello nome, 6, 32, 4, 23, 14, 4, 34, 34, 23, 24

D'uma certa divindade. 20, 29, 17, 16, 25

E por andar sempre só 13, 24, 30, 27, 22, 10

Fui por isto desgraçado! 1, 18, 23, 12, 33, 14, 21

Hoje mal digo da sorte 8, 19, 9, 28, 16, 26, 31, 30, 10, 27, 33

Ai! de mim desventurado! 8, 23, 1, 24, 15, 14, 7, 23, 8, 24, 13

Em resolver este problema, Anda á cata muita gente; E sendo do sabio a norma... Procusa, sê deligente.

Paria

Ao Sr. Domingos Prates

N'esta praça, brilha a 9, 3, 4, 6, 10 mercado passear, 1, 12, 8, 2

E lá vi n'uma armadilha. 6, 2, 12, 11

Velho poeta cantar 9, 3, 7, 4, 12

E unidos como irmãos, Em grande, franca amizade, Caminhemos prasenteiros, Saudemos a igualdade!

Olga

A' Clementino Britto

Deus ao homem virtuoso 5, 2, 7, 6, 10, 11, 7, 12, 13

Que tem limpa a consciencia, 14, 2, 10, 5, 4

Faz com que seja na Terra 13, 10, 1, 2

Feliz a sua existencia. 5, 6, 7, 8, 9, 10, 13, 14, 2

Os misericordiosos, Os que seguem a Rectidão, No Céu, das mãos do Supremo Muitos dons receberão.

Doris carpiras

CHARADAS

COMBINADAS

(Um premio ao 1º decifrado das duas charadas)

1ª x vão = ave
2ª x zir = ministro
3ª x ga = argola
4ª x tor = guia
5ª x pa = jogo
Alvedrio

1ª x gel = difficil
2ª x quim = tinta
3ª x tiz = mistura
4ª x réo = peixe
Carro

Dr. Cqólho

Imp. na Typ. da Fieraria Moderna